

E injusto também

ANTÔNIO CORRÊA DE LACERDA

Em recente entrevista o mestre Celso Furtado declarou que o Brasil é um país subdesenvolvido, emergente seria um eufemismo. Afinal o Brasil é um país subdesenvolvido ou emergente? Essa discussão, embora não necessariamente nesses termos, não é nova. Ela está diretamente associada ao "modelo" econômico de industrialização tardia. Algum tempo atrás, o presidente Fernando Henrique Cardoso declarou que o Brasil não era um país subdesenvolvido, mas um país injusto. Afora a questão semântica presente em todas as rotulações genéricas, há alguns pontos a considerar.

O mercado globalizado, excitado com os novos produtos financeiros, os recursos da telemática que permitem operações *on line* 24 horas por dia e a desregulamentação dos mercados locais, classifica-nos como um país emergente, uma espécie de maneira politicamente correta de denominar os países pobres, mas de crescimento potencial.

Na verdade, o Brasil é um pouco de tudo isso. É país subdesenvolvido, porque apresenta um nível de desenvolvimento aquém da sua necessidade e potencial; injusto porque é a sociedade organizada de maior desigualdade de renda e patrimônio, mas é também um país emergente, na medida que apresenta um enorme mercado potencial.

No Brasil os 10% mais ricos concentram mais de 50% da renda nacional, onde convivem, às vezes no mesmo bairro, famílias com padrão e qualidade de vida equivalentes a países europeus e outras de padrão africano. A miséria pro-

lifera não só nas regiões mais pobres. Grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, também apresentam crescentes índices de miséria.

A queda da inflação nos últimos anos diminuiu o efeito da perda do poder aquisitivo da população mais pobre, decorrente do menor "imposto inflacionário". Mas o desemprego transforma-se num dos grandes problemas do país. O Plano Real conseguiu avanços na estabilização, mas a combinação da política econômica (câmbio sobrevalorizado, abertura comercial e juros elevados) tem significado o limite do crescimento econômico, que se tem mostrado insuficiente para diminuir o desemprego e absorver os novos trabalhadores que adentram anualmente o mercado de trabalho.

A economia brasileira cresceu somente 3% no ano passado e este ano não deve crescer mais que 4%, devido aos limites impostos pela situação da balança comercial, principalmente, e seu impacto na balança de transações correntes, que se transformou, no curto prazo, no maior fator de risco potencial para a estabilidade futura.

Superar o estágio de subdesenvolvimento, diminuir a injustiça e fazer emergir de fato a Nação passam necessariamente pelo crescimento sustentado, pela reforma agrária e uma política ativa de inserção no mercado internacional, de forma a minimizar a vulnerabilidade externa e aproveitar as chances representadas pelo processo de globalização econômica.

A miséria
prolifera
não só nas
regiões mais
pobres

ANTÔNIO CORRÊA DE LACERDA é economista, presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo (Corecon-SP) e professor da PUC-SP.